

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS – ESEFFEGO
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

YCARO DE MENDONÇA MOTA

**QUALIDADE VIDA E SAÚDE NA VISÃO DE AUTORES DA
EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA REVISÃO DE LITERATURA**

Goiânia
2023

YCARO DE MENDONÇA MOTA

**QUALIDADE VIDA E SAÚDE NA VISÃO DE AUTORES DA
EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA REVISÃO DE LITERATURA**

Trabalho de conclusão de curso para
obtenção do título de graduação em
Licenciatura em educação física
apresentado Universidade Estadual de
Goiás – ESEFFEGO.

Orientador: Dr. Sebastião Carlos Ferreira
de Almeida

Goiânia
2023



ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CURSO (TC)

CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA/ESEFFEGO

Aos 11 (onze) dias do mês de Dezembro de 2023, o acadêmico: **Ycaro de Mendonça Mota** apresentou o Trabalho de Curso (TC) do curso de Educação Física, intitulado: **“Qualidade vida e saúde na visão de autores da Educação Física: uma revisão de literatura”**, sendo atribuída a nota de aprovação: 10,0 (DEZ), pela banca examinadora abaixo.

BANCA EXAMINADORA:

1. Orientador (a):

Sebastião Carlos Ferreira de Almeida

2. Parecerista 1:

Samanta Garcia de Souza

3. Parecerista 2:

Thaís Inacio Rolim Póvoa

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, a Deus, pelo dom da vida e por sua imensa graça, todos os dias a nos iluminar com seu amor, e tornar os momentos difíceis em possíveis realizações. Sei que nada alcançaria se não fosse a imensidão de tua luz, orientado e conduzindo-me ao caminho certo para realização deste trabalho.

Aos meus pais, pelo carinho que tornou a jornada deste trabalho mais leve. Pois, com imensa sabedoria, ensinaram-me a acreditar que com fé tudo é possível. Obrigado pelo carinho e compreensão.

Á todos meu muito obrigado.

AGRADECIMENTO

Ao meu orientador que se dispôs a me orientar e a todos os professores que de alguma forma contribuíram para esta conquista.

Muito obrigado.

“Toda forma de aviltamento ou de degradação ao ser humano é injusta. Toda injustiça é indigna e, sendo assim, desumana.”

(Carmem Lúcia Antunes Rocha)

RESUMO

O tema desse estudo refere-se a noções de saúde e qualidade de vida presentes em produções teóricas da Educação Física. O objetivo é compreender como autores da Educação Física brasileira entendem a saúde e a qualidade de vida. A pesquisa se constitui de uma revisão narrativa da literatura onde o critério de seleção das obras analisadas pautou-se na obra *Educação Física e o conceito de cultura*. A justificativa para a escolha de tais obras deveu-se ao impacto delas no cenário acadêmico-científico e profissional da área. A análise das obras permite inferir: i) as obras analisadas trazem noções de saúde subjacentes que se apropriam de segmentos da definição de saúde enquanto bem-estar biopsicossocial sem integralizá-los; ii) é possível reunir as abordagens nos modelos biopsíquico e político-ideológico; iii) ambos os modelos carecem de uma proposta efetiva de trabalho junto ao público que a Educação Física atende, pois se distanciam de demandas atuais da área. A pesquisa sugere que os autores analisados carecem de discussões sobre saúde e qualidade de vida capazes de orientar estratégias de atuação profissional para demandas do cenário social na atualidade. Há a necessidade de mais diálogo por parte dos defensores dos modelos referidos, com vistas a um melhor serviço por parte da Educação Física à sociedade.

Palavras-chave: saúde, qualidade de vida, bem-estar psicossocial, Educação Física.

ABSTRACT

The theme of this study refers to notions of health and quality of life present in theoretical productions of Physical Education. The objective is to understand how authors of Brazilian Physical Education understand health and quality of life. The research consists of a narrative review of the literature where the criterion for selecting the analyzed works was based on the work Physical Education and the concept of culture. The justification for the choice of such works was due to their impact on the academic-scientific and professional scenario of the area. The analysis of the works allows us to infer: i) the analyzed works bring underlying notions of health that appropriate segments of the definition of health as biopsychosocial well-being without integrating them; ii) it is possible to bring together the approaches in the biopsychic and political-ideological models; iii) both models lack an effective proposal to work with the public that Physical Education serves, as they distance themselves from current demands in the area. . The research suggests that the analyzed authors lack discussions about health and quality of life capable of guiding professional performance strategies to meet the demands of the current social scenario. There is a need for more dialogue on the part of the defenders of the aforementioned models, with a view to a better service by Physical Education to society.

Keywords: health, quality of life, psychosocial well-being, Physical Education.

SUMÁRIO

RESUMO.....	6
ABSTRACT	7
INTRODUÇÃO	9
1.1 Objetivo geral.....	10
1.2 Objetivos específicos	10
II REVISÃO DE LITERATURA.....	11
III METODOLOGIA.....	13
IV ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	14
4.1 Educação física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista	14
4.2 Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física	15
4.3 Metodologia do ensino em Educação Física (Coletivo de Autores)	16
4.4 Elenor Kunz	17
4.5 Valter Bracht.....	18
4.6 Mauro Betti.....	19
4.7 Conceituando saúde e qualidade de vida	19
V CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS	27

INTRODUÇÃO

A prática de atividades físicas tem sido apontada como um recurso indispensável para a promoção e manutenção da saúde. Em uma sociedade cada vez mais automatizada, os riscos do sedentarismo têm se mostrado assustadores: cardiopatias, diabetes, obesidade, degeneração do sistema musculoesquelético estão entre alguns dos quadros patológicos que emergem da diminuição do dispêndio de energia e de movimentos que vão sendo substituídos gradativamente pela comodidade de recursos tecnológicos.

Como responsável pela gestão do conhecimento e da prática de atividades físicas, a Educação Física enquanto área de conhecimento e prática profissional deve abordar a problemática da saúde que àqueles conhecimentos e prática está diretamente relacionada. Análoga a outras áreas de conhecimento, a Educação Física possui participa de discussões que abordam a saúde e a qualidade de vida, pois lidam com temas a elas relacionados constantemente. Entretanto, apesar da relação com a saúde e com a qualidade de vida, não existe uma clareza entre percepções de saúde e de qualidade de vida junto a seus estudiosos. A questão envolve vieses políticos, científicos e até ideológicos.

Ao recuperar um pouco da história da Educação Física é possível sugerir que a dificuldade em encontrar um consenso para o que seja saúde e qualidade de vida entre estudiosos da Educação Física tenha raízes profundas e difíceis de serem compreendidas ou mapeadas. Apesar de tais limitações, nesse estudo buscou-se responder à questão: como autores da Educação Física brasileira entendem a saúde e a qualidade de vida?

Para responder a essa questão foi realizada uma revisão narrativa da literatura em que se lançou mão de autores que discutem propostas didático-pedagógicas e metodológicas para o trabalho em Educação Física. Para a seleção dos autores cujas obras foram analisadas aqui buscou-se um autor que desenvolveu uma reflexão pertinente sobre a relação entre cultura e Educação Física e reuniu autores proeminentes na discussão das propostas supracitadas.

O texto aqui apresentado foi organizado em quatro capítulos que desenvolvem uma discussão em torno do como esses autores abordam noções de saúde e qualidade de vida. Inicialmente é apresentada uma revisão de literatura onde se desenvolve uma retrospectiva histórica e crítica da Educação Física. Na sequência, no capítulo de metodologia, é descrita a trajetória das escolhas pelos autores que compõe o capítulo seguinte de análise e interpretação dos dados; e, por fim, são feitas considerações finais.

I OBJETIVOS DO ESTUDO

1.1 Objetivo geral

- Compreender como autores da Educação Física brasileira entendem a saúde e a qualidade de vida.

1.2 Objetivos específicos

1. Associar o desenvolvimento da Educação Física no Brasil com noções de saúde e qualidade de vida;
2. Identificar abordagens de saúde e qualidade de vida de estudiosos influentes na área;
3. Analisar percepções de saúde e qualidade de vida a partir de textos dos estudiosos elencados.

II REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Processo Histórico e as influências às metodologias de ensino

Desde tempos remotos, a Educação Física tem sido moldada pela influência da sociedade. Durante a pré-história, as atividades físicas estavam essencialmente ligadas à defesa e ao ataque, sendo impulsionadas pela necessidade de sobrevivência e manifestando-se por meio de movimentos naturais. Ao investigar essa era, os pesquisadores recorriam a uma variedade de artefatos, como pedras esculpidas, fósseis de animais e humanos, pinturas rupestres, monumentos e, posteriormente, objetos e monumentos de bronze e ferro, câmaras mortuárias, estradas, entre outros.

De acordo com Steinhilber (2006), o homem primitivo deslocava-se em busca de alimentos, empregando uma série de movimentos básicos e naturais, como marchar, subir em árvores, escalar penhascos, nadar, saltar e arremessar diferentes armas. Assim, através da repetição constante desses exercícios na luta pela sobrevivência, aprimorava suas funções corporais de maneira gradual e inconsciente.

Em cada sociedade, povo ou país, a Educação Física assumia diferentes enfoques de interesse e aplicação, refletindo as particularidades e necessidades específicas de cada contexto.

Conforme Bagnara e colaboradores (2010) destacam, ao examinar a trajetória da educação física no Brasil, diversas correntes pedagógicas exerceram impacto em seu progresso. Inicialmente, sob a influência militar, houve uma ênfase em atividades físicas direcionadas para o treinamento de soldados. Com o tempo, a Educação Física passou por diversas metamorfoses, espelhando os movimentos pedagógicos ocorridos posteriormente.

Ao longo das décadas, a disciplina evoluiu para abraçar abordagens pedagógicas, afastando-se da exclusividade militar. A Fase Pedagógica trouxe consigo uma visão mais ampla, priorizando o desenvolvimento integral do indivíduo por meio da atividade física, enquanto a Fase Desportista direcionou o foco para o esporte competitivo, estabelecendo uma conexão intrínseca da busca do desenvolvimento de habilidades através da valorização dos eventos esportivos mundiais (STEINHILBER; 2006).

Atualmente, destaca-se a ênfase na abordagem inclusiva e no reconhecimento da prática de exercícios físicos como um meio para promover a saúde. No contexto brasileiro, a Educação Física adota uma perspectiva inclusiva e voltada para o bem-estar, levando em consideração as diferentes nuances culturais e socioeconômicas. Ao valorizar a participação de todos, independentemente de suas habilidades físicas, essa disciplina

desempenha um papel fundamental na promoção da saúde e na melhoria da qualidade de vida por meio da prática regular de atividades físicas. Essa evolução evidencia a amplitude e a complexidade da Educação Física, que vai além de suas origens militares, abarcando dimensões educacionais, culturais, recreativas e de saúde (BAGNARA et al., 2010)

Na esfera cultural, a Educação Física no Brasil integra as diversas riquezas presentes na diversidade cultural do país. Ela identifica e aprecia as expressões culturais e tradições nas atividades físicas, promovendo uma conexão singular entre o movimento do corpo e as manifestações culturais específicas da região. Essa dimensão cultural aprimora significativamente a vivência da Educação Física, estabelecendo laços com as raízes e identidades das comunidades (PEREIRA; MOULIN, 2006).

Ao considerar sua trajetória, percebemos a constante adaptação da Educação Física às necessidades e valores em constante transformação da sociedade brasileira.

Para Bagnara e colaboradores (2010), a Educação Física evoluiu ao longo do tempo, incorporando diversas características e aspectos em resposta às mudanças sociais, políticas e educacionais. Aqui estão algumas características e aspectos gerais pelos quais a Educação Física pode ser caracterizada:

É evidente que a Educação Física experimentou transformações significativas, resultantes de todo o desenvolvimento histórico. Atualmente, ela continua em constante evolução, e prevê-se que esse processo persistirá ao longo dos anos. Antigamente, as mudanças ocorriam de maneira mais gradual, mas hoje, devido à rápida disseminação de informações e à facilidade de acesso a novos estudos e publicações, acredita-se que as transformações serão mais ágeis e abrangentes (PEREIRA; MOULIN, 2006).

Todos os processos evolutivos estão intrinsecamente ligados à história mundial. É impossível dissociar a história, a sociedade e a política dos movimentos promovidos pela comunidade defensora da Educação Física. Esses elementos - história, sociedade, política e as iniciativas dos profissionais de Educação Física - constituem e fundamentam o contexto atual da Educação Física em escala global.

III METODOLOGIA

O critério para a seleção de autores e textos utilizados nessa revisão levou em conta obras consideradas balizadoras da discussão em torno da Educação Física que emergiu a partir dos anos de 1980.

Para a seleção das obras analisadas nesse trabalho, o livro de Jocimar Daolio intitulado Educação Física e o conceito de cultura (2004) mostrou-se útil para sumarizar correntes teóricas no período referido anteriormente, pois apresenta de forma didática os principais aspectos de obras ainda consideradas precursoras dos principais modelos de trabalho na Educação Física escolar. A questão de a obra deste autor tratar do conceito de cultura mostra-se útil para os fins desse estudo, na medida em que a percepção de saúde e qualidade endossa liames socioantropológicos, políticos e culturais importantes para qualquer dimensão de análise. Dado o desenrolar da história da própria Educação Física, a matriz adotada por Daolio (ibid.) para elencar os autores de sua análise cultural das propostas didático-pedagógicas e metodológicas permitiu dialogar com a característica transversalidade de noções tão singulares quanto as que compõe a variável desse estudo.

Das obras analisadas por Daolio (2004), foram selecionados aspectos dos autores que permitem atender ao objetivo desse trabalho; e tais aspectos compõe o capítulo de análise e interpretação de dados que é apresentado a seguir.

IV ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

4.1 Educação física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista

Esta obra é geralmente referida como de autoria de Go Tani, mas resulta da colaboração de quatro autores: Edison de Jesus Manoel, Eduardo Kokubun, Go Tani, José Elias de Proença. O livro *Educação física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista* (Manoel et al, 1988) aborda a saúde dentro do contexto da Educação Física escolar, utilizando uma abordagem desenvolvimentista. A obra busca fundamentar a prática da Educação Física escolar nos processos de aprendizagem e desenvolvimento. A ideia é caracterizar a progressão normal do crescimento físico, do desenvolvimento fisiológico, motor, cognitivo e afetivo-social. Os autores dessa abordagem defendem que a aquisição de habilidades motoras básicas das crianças deve ser desenvolvida para que seja possível o desenvolvimento de habilidades mais complexas. Há uma ênfase nos aspectos biológicos que pressupõe a base para uma promoção eficaz de aspectos complexos da constituição do indivíduo – as abordagens macroscópicas, filosóficas e administrativas segundo Daolio (2004). Com base nessas características, a abordagem desenvolvimentista sugere aspectos e elementos relevantes para a estruturação da Educação Física nas escolas.

Ainda que exista uma crítica a concepção tradicional da Educação Física (escolar), a obra aborda pressupostos biológicos do desenvolvimento e sua relação com o ambiente como invariáveis no ser humano. A ênfase é dada ao desenvolvimento motor e a divisão taxionômica em quatro níveis hierárquicos: i) movimentos reflexos; ii) habilidades básicas; iii) habilidades específicas; iv) comunicação não verbal (HARROW apud MANOEL et al, 1988). Os dois primeiros níveis são, conforme defendidos pelos autores, determinados geneticamente e devem ser trabalhados nas series iniciais da escolarização; enquanto os outros, resultantes da influência cultural, no restante da escolarização.

A abordagem desenvolvimentista explora como a prática da Educação Física pode contribuir para a saúde das crianças em idade escolar. Considera-se não apenas o aspecto físico que, se bem estruturado permitirá a aquisição das demais habilidades, mas também o desenvolvimento cognitivo e afetivo-social. A abordagem busca promover hábitos saudáveis, estimular a atividade física regular e desenvolver habilidades motoras essenciais para o bem-estar geral dos alunos. O esporte é entendido como uma ferramenta promissora para o desenvolvimento motor e, desta forma, contribuir para a aquisição da saúde. Na obra de Tani e colaboradores, a saúde é entendida como uma condição precípua

para o bem-estar físico, biológico, pois, infere-se que é a aquisição de capacidades físicas/biológicas permitidas pela prática de atividades físico-desportivas que permitirá o desenvolvimento pleno do indivíduo e o permitirá interagir socialmente (capacidades cognitivas, afetivas e sociais).

Nessa abordagem, proposta por Manoel e colaboradores (1988), pode-se inferir que a perspectiva de corpo, desenvolvimento psicomotor e exercícios seja direcionada especificamente para crianças entre quatro e quatorze anos; e nesse sentido, não há elementos para se afirmar que os autores possam entender saúde de maneira extensiva a todos os indivíduos, pois suas recomendações se direcionam ao trabalho com crianças até a fase anterior a puberdade. Entretanto, a defesa do desenvolvimento motor através de atividades físico-desportivas para crianças permite aludir que os autores consideram que a saúde do adulto depende do cuidado com a saúde da criança através daquelas atividades.

4.2 Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física

O livro de João Batista Freire *Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física* (FREIRE, 1989) apresenta uma perspectiva inovadora ao considerar o corpo e a mente como componentes integrados do mesmo organismo – diferente da abordagem desenvolvimentista onde é possível identificar uma perspectiva cartesiana de ser humano corpo-mente. Freire é reconhecido como um defensor da abordagem construtivista-interacionista e de uma pedagogia humanista com forte crítica à cientificação da Educação Física com mais ênfase no aspecto cognitivo que o desenvolvimento motor de Manoel e colaboradores (MANOEL, 1988).

Na obra voltada para a Educação Física escolar e também se refere à criança em idade escolar, o autor enfatiza que não se deve matricular apenas a mente dos alunos na escola, mas também o corpo. Freire estabelece um elo entre o movimento e o desenvolvimento mental da criança. A obra reconhece a relevância do corpo como uma estrutura a ser desenvolvida, não como algo desprezível ou que atrapalha a aprendizagem.

Sobre a questão da saúde, o livro explora como a prática da Educação Física pode contribuir para a saúde dos alunos, mas, além do aspecto físico, considera também o desenvolvimento cognitivo e afetivo-social. A abordagem de Freire visa promover hábitos saudáveis e estimular a atividade física regular, visando ao bem-estar geral dos estudantes.

Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física oferece uma visão ampliada da Educação Física se comparada à abordagem desenvolvimentista, pois destaca a importância do corpo como parte fundamental do processo educacional e da

saúde dos alunos. No entanto, não há referências objetivas quanto à saúde em termos de parâmetros ou indicativos para uma compreensão de saúde, na medida em que encara o movimento no sentido de brincar e a necessidade do movimento de maneira subjetiva.

4.3 Metodologia do ensino em Educação Física (Coletivo de Autores)

Esta obra foi desenvolvida como parte da coletânea de livros publicados pela Editora Cortez voltados à formação do Magistério: a série Magistério 2º Grau – Formação do Professor. Junto a outras obras da coleção, o livro intitulado *Metodologia do ensino em Educação Física* conhecido no meio da Educação Física como “Coletivo de Autores”, foi elaborado para a professores formados em nível de ensino médio que atuavam nas séries iniciais da escolarização – uma formação que foi suprimida pela formação em nível superior na atual legislação educacional. Tendo em vista ter sido voltada para o nível médio (antigo 2º Grau), o texto não possui linguagem acadêmica ou escrita científica (citações ou referências) e torna-se relativamente acessível mesmo àqueles sem formação superior. Para as normas bibliográficas formais, o livro *Metodologia do ensino em Educação Física* lançado em 1992 deve ser indicado como organizado por Carmen Lúcia Soares em colaboração com cinco outros autores: Celi Nelza Zülke Taffarel, Elizabeth Varjal, Lino Castellani Filho, Micheli Ortega Escobar e Valter Bracht.

Esta obra é conhecida por promulgar a chamada visão crítico-superadora na Educação Física. A obra não é especificamente focada em discutir saúde ou qualidade de vida, mas sim em metodologia de ensino. No entanto, a obra destaca que a promoção da saúde está intrinsecamente relacionada à prática da Educação Física escolar. O aspecto mais evidente do livro é a defesa do direito à prática de atividades socialmente compartilhadas e que são fruto do legado cultural construído ao longo da história. O termo “cultura corporal” foi cunhado para designar todo o conjunto de saberes que, de alguma forma, remetem às práticas físico-desportivas que o homem tem acesso atualmente e que, implicitamente, através das quais pode desenvolver e manter sua saúde.

A obra *Metodologia do ensino em Educação Física* defende que os professores de Educação Física podem contribuir para a formação de alunos conscientes sobre a importância de cuidar do corpo e da mente; e a dimensão da conscientização é o aspecto mais contundente da obra, pois a indicação de que a Educação Física na escola deve se incumbir de politizar o aluno sobre seus direitos e promover uma revolução que vise a apropriação dos “bens” da cultura corporal como o direito de praticar esportes, e a obrigação do Estado em fornecer os meios para tal, é nítido. Para os autores, a prática

regular de atividade física enquanto um dos pilares da saúde participa da ação didático-pedagógica dos professores de Educação Física de forma secundária, pois a ênfase está na orientação para que tais profissionais incentivem seus alunos a se apropriarem da cultura corporal. O reflexo desta ação didática-pedagógica levaria os alunos a se movimentarem, participarem de esportes e adotarem um estilo de vida ativo; e, além disso, eles podem ensinar sobre a importância do alongamento, aquecimento e respeito aos limites do próprio corpo, pois tais premissas seriam decorrentes da apropriação do acervo cultural referente ao corpo compartilhado socialmente. A Educação Física na escola pode ser um espaço para discutir questões de saúde, como prevenção de lesões, postura correta, higiene e nutrição dentro desta perspectiva histórico-cultural. A notoriedade do educar para a saúde ganha ênfase na medida em que a obra enfatiza que os professores podem abordar esses tópicos de forma prática e contextualizada, tornando a aprendizagem significativa para os alunos – histórica e socialmente orientada.

Embora o livro *Metodologia do ensino de Educação Física* não foque especificamente na saúde, nele a disciplina tem um papel relevante nesse contexto, e os professores podem aplicar os princípios nele defendidos para promover a saúde dos estudantes. Aqui é importante destacar que a referência à saúde aparece como um direito que deve ser discutido nas aulas de Educação Física escolar, pois a obra é voltada para instigar os professores a conscientizarem os alunos sobre esse direito e de como usufruírem dele. Neste sentido, apesar de não ser clara quanto ao que é tratado como saúde, coloca a mesma como um direito político e social historicamente localizado cuja luta por adquiri-lo deve partir da sociedade mobilizada para tal.

4.4 Elenor Kunz

Nesse tópico serão abordados conceitos desenvolvidos pelo autor Elenor Kunz em duas de suas obras devido ao aprofundamento dado a temas como “cultura do movimento” (KUNZ, 1991), mas, o foco será a obra intitulada *Transformação didático-pedagógica do esporte* de 1994.

O livro *Transformação didático-pedagógica do esporte* aborda a saúde dentro do contexto da Educação Física, especialmente sob a perspectiva de uma abordagem crítico-emancipatória. A obra de Kunz analisada aqui (1994) aborda a Educação Física sob um viés filosófico e faz críticas às abordagens biológicas e tecnicistas presentes na área. O formato acadêmico do texto dificulta sua compreensão e até outros autores mais

catedráticos também observam uma distância entre a proposta crítico-emancipatória de Kunz e a realidade do trabalho da Educação Física escolar (DAOLIO, 2004).

Para o autor a prática do movimento é repleta de significado e esta percepção é fruto de sua discussão antropológica. A crítica à obra já citada no tópico anterior dá-se já na consideração do objeto do trabalho da Educação Física que, para aqueles autores é a “cultura corporal”, enquanto para Kunz é “cultura do movimento”. Kunz nessa obra defende que o movimento é uma ação através da qual o ser se introduz no mundo repleto de sentidos e significados; não pode ser visto de maneira isolada (crítica ao racionalismo cartesiano); defende a perspectiva relacional do “se-movimentar” como um acontecimento mediado por uma relação significativa (KUNZ, 1991).

A abordagem crítico-emancipatória busca a libertação dos alunos de falsas ilusões e interesses criados por uma visão de mundo padronizada. O autor propõe uma transformação no ensino do esporte, questionando conhecimentos pré-estabelecidos e promovendo uma visão mais ampla e crítica. A saúde é considerada como parte integrante desse processo, indo além do aspecto físico e abrangendo também o desenvolvimento cognitivo e social. O livro *Transformação didático-pedagógica do esporte* enfatiza que a prática esportiva pode contribuir para a saúde dos participantes. Além do benefício físico, considera-se a socialização, a construção de valores morais e o lazer proporcionado pelas atividades esportivas.

A abordagem crítico-emancipatória de Kunz visa formar sujeitos mais conscientes e saudáveis, considerando o esporte como um meio de desenvolvimento integral. *Transformação Didático-Pedagógica do Esporte* oferece uma visão crítica e emancipatória da Educação Física, destacando a importância da saúde como parte fundamental do processo educacional e do bem-estar dos alunos. O destaque da abordagem crítico-emancipatória está na apropriação por parte do educando dos significados atribuídos à “cultura do movimento” que levarão a um estado de saúde condizente com sua presença no mundo e não oriunda de premissas científicas dadas *a priori*. Aqui, é possível inferir, que o indivíduo seja visto como coparticipante no processo de construção do conhecimento e não apenas um receptor passivo de condutas consolidadas e consideradas adequadas na aquisição e promoção de saúde.

4.5 Valter Bracht

Valter Bracht é considerado um dos principais teóricos da Educação Física brasileira. Sua discussão sobre a temática possui um tom crítico muito próximo ao da obra que

produziu junto a outros autores e que já foi abordada nesse estudo: o chamado Coletivo de Autores (*Metodologia do ensino em Educação Física*). Entretanto, diferentemente da abrangência limitada do “Coletivo de Autores”, as obras de Bracht aqui analisadas avançam para teóricos e teorias das Ciências Sociais e focam em discutir o objeto da Educação Física que, para o autor, não pode ser entendida como ciência, mas como prática pedagógica (BRACHT, 1999, 1992). É a partir da discussão sobre Educação Física como prática pedagógica e não como ciência, que o autor defende sua legitimidade na escola.

Outro aspecto que diferencia suas obras em relação a que produziu junto a outros autores no “Coletivo de Autores”, é a discussão sobre a Educação Física em si que avança para além da sua relação com o “mundo do trabalho” e é relacionada pelo autor com o debate sobre o lazer abordando também uma discussão crítica sobre este tema sustentado por estudiosos desta área.

No tocante à aproximação das obras de Bracht com a temática da saúde, observa-se que não há preocupação com esta, pois, mesmo admitindo que a Educação Física possua um papel instrumental de promover a saúde e hábitos higiênicos, estes são referidos pelo como residuais ou, na pior das hipóteses, reflexos das funções moralistas, utilitaristas e compensatórias atribuídas à Educação Física: a abordagem funcionalista que pressupõe ser esta disciplina uma ferramenta útil para prevenir disfuncionalidades ou conflitos – e esta é uma crítica a perspectivas centradas, grosso modo, na ala da Sociologia durkheimiana ou à Antropologia chamada de funcionalista que entendem a sociedade a partir de sua organicidade e equilíbrio.

O caráter crítico das obras aqui analisadas leva a crer que o autor está preocupado em abrir o debate para outro modelo de saúde que não o vigente derivado de dicotomias saúde-doença, da cientifização, ou até para uma humanização da percepção do indivíduo – uma discussão eminentemente política e válida. A ausência, no entanto, de um posicionamento ou de uma proposta para o trabalho com a saúde e qualidade de vida não podem ser colocadas aqui, pois, por mais que se considere o autor um importante pensador da Educação Física, não é seu objetivo nas obras analisadas discutir qualquer dimensão da saúde ou qualidade de vida, sendo a discussão tais temáticas através de um viés medicalizante entendidas como subterfúgio para a instalação de um sistema opressor fundado na perspectiva de um equilíbrio social para o autor inatingível ou falso.

4.6 Mauro Betti

Mantendo o formato acadêmico de outros pensadores da Educação Física, Mauro Betti produziu obras com teor crítico e sustentado por teorias de cientistas sociais e filósofos que permitem observar aspectos sociais e políticos na mesma esteira de outros autores de sua geração. As obras de Mauro Betti abordam a saúde dentro do contexto da Educação Física escolar e oferecem discute o impacto da disciplina sobre o bem-estar dos alunos.

No livro *Educação Física e Sociedade* (BETTI, 1991) o autor discute a relação entre a prática da Educação Física e a sociedade examinando como a atividade física pode impactar a saúde individual e coletiva, considerando fatores sociais, culturais e históricos, através de teorias das Ciências Sociais. O autor segue suas em suas obras discutindo a influência midiática (no caso, a televisão) sobre a percepção do esporte e, conseqüentemente, sobre as formas como os indivíduos gerenciam sua saúde, percepção sobre o próprio corpo fortemente influenciados por estereótipos explorados e valorizados na mídia (televisão) (BETTI, 1999, 1992). As abordagens do autor se aproximam de teorias sociais e entendem a Educação Física como uma ferramenta que lida com a linguagem e nisso se aproxima de outros autores que também questionam o papel o papel tradicionalmente atribuído à Educação Física vinculado ao corpo, ao biológico e à dicotomia corpo-mente.

Como outros autores da geração da abertura política dos anos de 1980, Mauro Betti mantém-se como um crítico à “tradição” na Educação Física e faz uma leitura da saúde em termos simbólicos e não é claro sobre o que seja saúde ou qualidade de vida. Ainda que se espere que autores comprometidos na discussão sobre o movimento e atividades físico-desportivas apresentem um posicionamento sobre saúde e qualidade de vida, Betti permite apenas conjecturar o que ele entenda como saúde: um reflexo de experiências sociais compartilhadas enquanto patrimônio cultural.

4.7 Conceituando saúde e qualidade de vida

O conceito de saúde proposto pela Organização Mundial de Saúde (OMS) ainda ressoa no imaginário coletivo com bastante força: saúde não apenas como a ausência de doença, mas como a situação de perfeito bem-estar físico, mental e social (SEGRE; FERRAZ, 1997). Essa percepção de saúde biopsicossocial permeou os debates e possivelmente permanecerá nos diálogos travados por estudiosos e cidadãos comuns por muito tempo ainda, mas, assim como a própria Educação Física, está tensionado a se reformular.

O conceito difundido pela OMS de saúde como bem-estar biopsicossocial representou um olhar eurocentrado de saúde que, por mais excludente que possa soar, representou um momento do pensamento político e científico hegemônico de meados do século passado (MINAYO; HARTZ; BUSS, 2000). Tal pensamento pode ter representado uma tentativa de ruptura com concepções mais centradas na ideia de saúde como ausência de doença (o polo negativo do binômio saúde-doença) e deve ser levado em conta quando se pensa em saúde na atualidade. A crítica que pode ser feita ao conceito da OMS está na fragilidade da condição de bem-estar, pois, como qualquer leitura de condições humanas, pressupõe relatividade (individual, coletiva, temporal, geográfica, etc) e, desta forma, não pode ser generalizado.

Uma análise possível a partir dos autores elencados como referências para um entendimento de saúde e qualidade de vida na Educação Física é a de que, assim como no cenário acadêmico e científico, suscitam-se diferentes perspectivas sobre o tema; e cada perspectiva recupera interesses políticos e ideológicos que alimentam suas respectivas considerações. Nesse contexto, não é de se estranhar que existam divergências entre as percepções a respeito de saúde e qualidade de vida – e que todas reflitam posicionamentos políticos e ideológicos que lhes são afins.

Assim, da abordagem desenvolvimentista (biológica), passando pela abordagem construtivista-interacionista (centrada no indivíduo-psique) e desembocando nas abordagens críticas (eminentemente político-sociais), assim como as compreensões sobre corpo enquanto elemento da cultura (DAOLIO, 2004), a percepção de saúde para os autores analisados nesse estudo atravessa o conceito de saúde da OMS enfatizando, cada um da sua maneira, aspectos específicos da tríade conceitual desta instituição: biopsicossocial.

Nesse momento da análise far-se-á uso de uma tipologia didática para fins desse estudo. Serão reunidas abordagens extraídas da análise em dois modelos que não alcançam totalmente as especificidades teórico-conceituais as quais os autores defendem, mas serve para associar aquelas abordagens a reflexões sobre saúde e qualidade de vida oriundas de outras áreas de conhecimento. As abordagens desenvolvimentista e construtivista-interacionista serão reunidas para formar um modelo de noção de saúde e qualidade de vida que será chamado de biopsíquico; já as abordagens crítico-superadora, crítico-emancipatória e as premissas defendidas pelos autores Valter Bracht e Mauro Betti serão reunidas e identificadas como modelo político-ideológico de noção de saúde.

Um problema flagrante na definição de saúde como bem-estar biopsicossocial da OMS refere-se à sua dificuldade em aproximar da diversidade de estados individuais (psíquicos) (SEGRE; FERRAZ, 1997). A definição da OMS parece conceber bem-estar a partir de uma noção de perfeição impossível de ser alcançada; e se torna ainda mais problemática por confrontar questões como normalidade e subjetividade. Entretanto, a atual concepção de Saúde Pública necessita de parâmetros objetivos para determinar políticas públicas de saúde – o que as abordagens críticas da Educação Física denunciam como positivistas. De fato, não há como planejar ações coletivas sem um protocolo formulado a partir de estatísticas e probabilidades cientificamente controladas e comprovadamente redutíveis aos casos; e, neste sentido, o que entendemos como Ciência perderia sua razão de existir de fosse questionada em suas bases mais elementares – algo que parece ser o alvo de alguns críticos na própria Educação Física e seria leviandade afirmar que os estudiosos aqui analisados contestem os cânones científicos sobre os quais se fundamentam as premissas desenvolvimentistas ou construtivistas.

O aspecto mais problemático de uma noção objetiva (biológica) de bem-estar – importante para pensar saúde e qualidade de vida segundo Segre e Ferraz (1997) – é a dificuldade para se pensar em termos de subjetividade e isso retoma a questão da normalidade. A percepção de bem-estar é eminentemente uma questão subjetiva e individual e foge a qualquer padrão de normalidade – aqui colocado enquanto um elemento de inclusão/exclusão de indivíduos em resultados de pesquisas quantitativas tão caras às Ciências da Saúde –, pois o limiar para conforto ou desconforto é relativo e pessoal. A partir destas colocações, é possível questionar qual o referencial para a noção de bem-estar sobre o qual repousa a definição de bem-estar biopsicossocial promulgada pela OMS que até hoje ressoa na sociedade. E, nesse sentido, são válidas as críticas lançadas a uma definição que – como defendem as abordagens críticas de pensadores da Educação Física aqui analisados – traz implícito pressupostos cartesianos e positivistas.

A partir das reflexões de Segre e Ferraz (ibid.) é possível, entretanto lançar uma crítica a ambas os modelos extraídos das análises anteriores (os modelos biopsíquico e político-ideológico). Em nenhum deles se propõe a resolver uma questão que emerge em uma sociedade assolada pelo distanciamento e a solidão (ALMEIDA, 2005). A problemática apontada por Segre e Ferraz (1997) diz respeito à necessidade de interação professor de Educação Física-aluno – parafraseando os termos profissional de saúde-paciente utilizados pelos autores – para que se alcance os resultados desejados. No caso dos modelos mencionados aqui, não há qualquer referência à discussão desta preparação profissional

para lidar com tal aspecto. Mesmo no âmbito escolar, a suscetibilidade do indivíduo à exposição corporal minimamente exige preparo por parte do condutor de atividades físico-desportivas – um aspecto ainda mais evidente na Educação Física não escolar, mas as abordagens aqui analisadas não tratam deste ramo da Educação Física. Por mais que a abordagem construtivista-interacionista remeta à dimensão psicológica, as referências à técnicas para lidar problemas relativo à psique do indivíduo não existem na obra de Freire (1989). Esse pode ser a lacuna mais problemática encontrada (não encontrada, no caso) na análise, pois a interação professor de Educação Física-aluno é um aspecto decisivo para o bem-estar do indivíduo que busca na atividade físico-desportiva promover ou resgatar sua saúde e sua qualidade de vida.

No tocante à qualidade de vida, Minayo, Hartz e Buss (2000), ao refletirem sobre definições a respeito desta questão, inferem que ela tem sido apropriada pela área médica em estreita relação com a ideia de doença e que seria uma ferramenta para alcançar uma condição de saúde. Mais uma vez, na tentativa de entender qualidade de vida – ou a vida, em termos mais estritos –, se considera a saúde em relação à sua ausência (doença). Esse movimento histórico de controle do Estado sobre a saúde que emergiu no século XVIII na Europa atrelado ao próprio surgimento dos Estados Modernos conferiu à Medicina o status e o prestígio necessário para que ela atuasse dirimindo os problemas que surgiram junto ao processo de urbanização e trouxe a reboque a Educação Física como ferramenta para a manutenção da higiene física e moral da sociedade (FOUCAULT, 2008) – aspectos esses que tem sido alvo de críticas de pensadores na Educação Física brasileira desde a abertura política dos anos de 1980. Percebe-se então como definições de saúde e de qualidade de vida pertencem à mesma escola de pensamento: a ideia de que saúde é um bem que deve ser conquistado através do controle de variáveis que podem comprometê-la e que qualidade de vida corresponde ao acesso aos meios para manter aquela saúde (frágil e sempre sujeita a ruptura). Esta percepção de qualidade de vida presumida como a possibilidade de manter (ou perder) saúde ainda não foi superada e, na Educação Física, ela vagueia dos protocolos que asseguram sua ocorrência (objetivos como na abordagem desenvolvimentista ou subjetivos e atrelados à felicidade do brincar na abordagem construtivista-interacionista) aos posicionamentos críticos que denunciam os ataques (das elites) ao acesso à saúde (a falta de qualidade de vida).

A qualidade de vida é tratada por Segre e Ferraz (1997) como relativo à autonomia do indivíduo e só pode ser avaliado pelo próprio sujeito. Este aspecto realça a dificuldade (ou impossibilidade) de se normatizar o que qualidade de vida, dada sua subjetividade.

Ainda que, em termos de Saúde Pública, sejam necessários indicadores capazes de mensurar níveis de qualidade de vida a fim de se planejar políticas, tais parâmetros não conseguem alcançar toda a diversidade de estados individuais subjetivos a que refere a percepção de bem-estar. Segre e Ferraz (ibid.) questionam a aplicabilidade da definição de qualidade de vida apontada como positivista e cartesiana em favor de uma concepção mais humana e empática capaz de contribuir para um estado de bem-estar mais harmônico para o sujeito e sua própria realidade. E estas nuances sobre saúde e qualidade de vida não estão nem subliminarmente enfocadas nas abordagens aqui analisadas.

É possível inferir que a definição de saúde referida pela OMS tenha sido apropriada pela Educação Física através de uma trajetória histórica iniciada nos aspectos biológicos para amadurecer – ou estacionar – a percepção de saúde nos aspectos político-sociais. Tal interpretação poderia representar um avanço em direção à ampliação do direito à saúde para todos e não a segmentos da sociedade; e que isto permitiria a inclusão e o distanciamento da ideia de saúde da ideia de doença. Mas, por outro lado, uma intensificação da abordagem político-social parece estar esvaziando a própria natureza da área (o foco no movimento corporal) capaz de tecnicamente promover saúde e evitar doença. Além disto, o impasse continua: não há na Educação Física uma discussão madura – ao menos no que se refere à metodologias didáticas – por parte de estudiosos sobre saúde e qualidade de vida capaz de promover estratégias para otimizá-las, mas sim debates refratários em torno da hegemonia do conceito medicalizante de saúde e de qualidade de vida.

V CONSIDERAÇÕES FINAIS

O interesse em estudar os temas saúde e qualidade de vida é fruto da imersão do campo de atuação do professor de Educação Física. Na escola ou fora dela este profissional é confrontado com representações a respeito do que seja saúde, de como ter um estilo de vida mais saudável, ou, por outro lado, resgatar a saúde perdida, reduzir os danos causados pelo tempo ou condições de vida e de trabalho.

O debate em torno de metodologias didático-pedagógicas suscita estratégias voltadas para a promoção ou o resgate da saúde e qualidade de vida permeado por disputas entre grupos antagônicos e críticas de ambos os lados quanto às concepções adotadas por estes grupos. O consenso parece impossível.

E é digno de nota que essa incompatibilidade de posicionamentos teóricos e político-ideológicos acompanha o próprio cenário político brasileiro ao longo das décadas. Mesmo depois de quase quatro décadas após a abertura política, assuntos como repressão, ditadura e liberdade assolam as arenas de discussão da Educação Física assim como assolam as da Educação e da política brasileira. Os movimentos teóricos e políticos na Educação Física acompanham essa polarização que não mostra sinais de arrefecimento.

Em meio a esse cenário de disputas e conflitos políticos e ideológicos, os temas saúde e qualidade de vida ainda estão acorrentados a percepções oriundas da criação dos Estados Modernos – instituições políticas já colapsadas pela globalização, mas que ainda fazem parte do discurso político. Não é de se estranhar que a Educação Física não tenha uma noção clara e autônoma sobre saúde e qualidade de vida – uma noção que não reproduza a noção medicalizada de saúde como ausência de doença e de qualidade de vida como formas de acesso a estratégias para conservar a saúde.

A análise de obras de autores relevantes para a Educação Física demonstra a carência de uma noção inovadora sobre saúde e qualidade de vida. O que foi possível identificar foram duas percepções opostas de saúde e qualidade de vida – ainda que não tenha sido possível identificá-las claramente. De um lado, um modelo biopsíquico que defende estratégias para otimizar o aparato genético – e, dentro dessa abordagem, a possibilidade de deixar de fora toda uma gama de particularidades impossíveis de serem acolhidas por um modelo tão estrito e idealizado. A própria abordagem construtivista aqui encaixada neste modelo, ainda que advogue ser libertadora, pois pressupõe a centralidade no indivíduo, pressupõe também um indivíduo padrão. No outro extremo, o modelo político-ideológico que, sem dúvidas, apresentam críticas ferrenhas ao funcionalismo do modelo

anterior, apenas lança crítica e não propõe mudança em termos de olhar para a saúde e a qualidade de vida. Se carece ao modelo biopsíquico a percepção da individualidade, ao modelo político-ideológico falta o conhecimento técnico para, minimamente, esclarecer os profissionais que lidam com uma dimensão tão delicada como o corpo humano sobre o que fazer, porque fazer, quando fazer: todo o trabalho em torno da atividade física volta-se para uma busca da cidadania, do fazer valer o direito à saúde garantido pela constituição, mas não se preocupa com o domínio técnico-instrumental necessário para aplicar protocolos capaz de promover ou resgatar saúde e qualidade de vida.

Enfim, espera-se que, de todo esse debate, surjam estudiosos interessados em refletir sobre como resolver esse impasse, pois o momento é de mudanças e a humanidade precisa se preparar para lidar com o avanço da expectativa de vida, com as mudanças climáticas, com escassez de recursos, entre tantos outros problemas que afetam a saúde e a qualidade de vida de todos. E, se os profissionais do movimento corporal, da prática físico-desportiva, do desenvolvimento motor ou da cultura corporal não estiverem preparados, é possível que seja ainda mais difícil lidar com estas mudanças.

Esse estudo careceu de literaturas mais atuais que talvez ainda não tenham sido incorporadas ao currículo desse curso de formação em Licenciatura em Educação Física. É lícito admitir que, para emitir um parecer sombrio sobre a carência de uma percepção clara de saúde e qualidade de vida, só é possível com uma pesquisa aprofundada sobre o tema: algo que as condições oferecidas para um trabalho de conclusão de graduação não permitem. Portanto, ao final desse estudo, considera-se fundamental a realização de mais estudos sobre concepções e noções explícitas ou implícitas de saúde e qualidade de vida entre estudiosos de Educação Física vinculados à escola ou não.

Que este trabalho não seja apenas um ponto final, mas sim um ponto de partida para futuras pesquisas, discussões e contribuições para a constante evolução da Educação Física e sua compreensão da saúde. Que seja possível a profissionais desta área em formação, levar adiante o compromisso de promover o bem-estar integral dos indivíduos, reconhecendo a importância da Educação Física não apenas como uma disciplina acadêmica, mas como uma ferramenta fundamental para uma vida saudável e plena.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Sebastião C. F. **O primado da visualidade: a estética como critério de escolha do personal trainer por alunos homossexuais**. 2005. 267 f. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.
- BAGNARA, Ivan Carlos; et al. O processo histórico, social e político da evolução da Educação Física. **Revista Digital** - Buenos Aires - Año 15 - Nº 145 - Junio de 2010
- BETTI, Mauro. **Educação física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.
- _____. Ensino de primeiro e segundo graus: educação física para quê? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Maringá, vol. 13, n. 2, 1992, p. 282-287.
- _____. Educação física, esporte e cidadania. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, vol. 20, n. 2/3, 1999, p. 84-92.
- BRACHT, Vatter (1992). **Educação física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.
- _____. Educação física & ciência: cenas de um casamento (in)feliz. Ijuí: Editora Unijuí, 1999.
- DAOLIO, Jocimar. **Educação Física e o conceito de cultura**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.
- FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física**. São Paulo: Scipione, 1989.
- KUNZ, Elenor. **Educação física: ensino & mudanças**. Ijuí: Editora Unijuí, 1991.
- _____. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Editora Unijuí, 1994.
- MANOEL, E. de J. et al. **Educação física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista**. São Paulo: Epu/Usf, 1988.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza; HARTZ, Zulmira Maria de Araújo; BUSS, Paulo Marchiori. Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. **Ciênc. saúde coletiva**, v. 5, n. 1, 2000. Disponível em < <https://www.scielo.br/j/csc/a/MGNbP3WcnM3p8KKmLSZVddn/> >. Acesso em 6 dez 2023.
- PEREIRA, M. M; MOULIN, A. F. V. **Educação Física para o Profissional Provisionado**. Brasília: CREF7, 2006.
- SEGRE, Marco; FERRAZ, Flávio Carvalho. O conceito de saúde. **Rev. Saúde Pública**, v. 31, n. 5, out. 1997. Disponível em < SciELO - Brasil - O conceito de saúde O conceito de saúde >. Acesso 06 dez 2023.
- SOARES, Carmen L. et al. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- STEINHILBER, J. **Profissional de Educação Física Existe?** Rio de Janeiro: Ed. Sprint: 1996.